

CONDIÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO FEMININO À LUZ DE SILVIA FEDERICI

CONDITION OF FEMALE DOMESTIC WORK FROM THE PERSPECTIVE OF SILVIA FEDERICI

Shirley dos R. P. Sousa 1

Elizângela Inocêncio Mattos 2

Jerse Vidal Pereira 3

Larissa Rodrigues Possidônia 4

José Gerley Díaz Castro 5

Resumo: O estudo tem como objetivo refletir sobre o trabalho doméstico feminino a partir da perspectiva da pesquisadora Silvia Federici, analisando as implicações sociais e econômicas dessa prática, especialmente dentro do contexto patriarcal. A metodologia adotada é uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, complementada pela análise de dados estatísticos do Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), que abordam o trabalho doméstico no Brasil. A pesquisa revela que a apropriação do trabalho feminino foi consolidada ao longo do tempo pela divisão sexual do trabalho, estruturada em um sistema patriarcal que submete as mulheres a tarefas invisíveis e desvalorizadas. Embora os serviços domésticos e de cuidados não sejam contabilizados no mercado de trabalho devido à sua natureza não diretamente produtiva, eles são essenciais para a reprodução da força de trabalho e para a continuidade do sistema econômico. A análise conclui que essa invisibilidade resulta em sobrecarga, inferiorização e precarização, impactando profundamente a vida das mulheres que executam essas funções.

Palavras-chave: Trabalho feminino. Patriarcalismo. Capitalismo. Invisibilidade.

Abstract: The study aims to reflect on women's domestic work from the perspective of researcher Silvia Federici, analyzing the social and economic implications of this practice, especially within the patriarchal context. The methodology adopted is qualitative bibliographical research, complemented by an analysis of statistical data from the National Institute of Geography and Statistics (IBGE), which deals with domestic work in Brazil. The research reveals that the appropriation of women's work has been consolidated over time by the sexual division of labor, structured in a patriarchal system that subjects women to invisible and undervalued tasks. Although domestic and care services are not counted in the labor market due to their non-directly productive nature, they are essential for the reproduction of the workforce and the continuity of the economic system. The analysis concludes that this invisibility results in overload, inferiorization and precariousness, profoundly impacting the lives of the women who perform these functions.

Keywords: Women's work. Patriarchy. Capitalism. Invisibility.

1 - Especialista em antropologia social da educação (Faculdade Rio Sono). Graduada em Ciências Sociais (UFT). Servidora da SEFAZ-TO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/12039784221762734>. E-mail: shirley_payxao@hotmail.com. ORCID:<https://orcid.org/0009-0000-4043-8400>.

2 - Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR (2017). Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7750062710372317>. Email: elizangelamattos@mail.uft.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6574-9173>.

3 - Mestre em Educação (UFT), Especialista no Ensino de História (FADESA), Licenciado em História (UFT). Professor da rede estadual do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6617399202863701> . Email: jerse.vidal@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0289-5234>.

4 - Especialista em Gestão Pública pelo Centro Universitário Itop – UNITOP, Graduada em Gestão Pública pela Universidade Cesumar; Graduada em Pedagogia pela Universidade Cesumar; Graduada em Nutrição pela Universidade Norte do Paraná. É professora na Faculdade Itop/UNITOP e Preceptora na UNOPAR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0039206943066956>. E-mail: possidoniarissa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7818-6399>.

5 -Doutor e mestre em Ciências Biológicas pela UFAM, Graduado em Zootecnia pela Universidad de La Amazonia (Colômbia), Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná. Atualmente é professor da Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7437848258885562>. Email: diazcastro@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7993-015X>.

Introdução

O trabalho doméstico é até hoje considerado por muitas pessoas uma vocação natural das mulheres, tanto que é rotulado como “trabalho de mulher” (Federici, 2021, p.157). A frase da autora, resume um pensamento machista entranhando em uma estrutura social forjada ao longo de um processo histórico, cujo resultado dessa trajetória foi a marginalização do trabalho feminino.

No período industrial, havia o propósito de inculcar e/ou instituir uma educação popular direcionada para o desenvolvimento de habilidades voltadas para o âmbito do lar (Ornellas e Monteiro, 2005). Assim, por meio da imposição masculina da sociedade da época, as mulheres deveriam demonstrar boa desenvoltura para a execução do trabalho doméstico, assim como para ser boa mãe, esposa etc. Naquele momento, observa-se a existência de concepções de educação conforme o gênero (Federici, 2021).

A educação masculina era direcionada para que os homens pudessem exercer trabalhos no âmbito público, na política, nas ruas, nas fábricas, cabendo a tarefa de ser o provedor da família (Gonzalez, 2020). Já a educação feminina, era voltada para âmbito privado, restringindo as mulheres de qualquer emancipação. Essa situação, colaborou para a manutenção do patriarcalismo no decorrer do tempo sendo perceptível até os dias atuais.

Percebe-se dessa maneira como a continuidade dos traços da herança patriarcal colaborou diretamente com os interesses do ascendente sistema capitalista, que ao dividir a sociedade em classes sociais, sobrepôs uma classe sobre as demais, segregando o trabalho feminino e propiciando dessa forma, a marginalização, sobrecarga e exploração de mulheres (Lucena e Andrade, 2024), assim, como o trabalho dos demais grupos minoritários, como, negros, imigrantes, crianças etc, conservando com isso a tradição milenar de restrição e dependência social, política e econômica das mulheres, em especial as menos favorecidas perante os homens.

Cabe enfatizar o contexto de exploração e, ao mesmo tempo, de afirmação do patriarcalismo, ensinou, em várias épocas e lugares, momentos de percepção por parte das mulheres sobre a sua condição, dando origem a muitas lutas femininas travadas tendo por objetivo a busca de direitos, gerando como resultado a conquista de espaços na sociedade.

Neste contexto, esse estudo busca refletir sobre os elementos que foram preponderantes para que a dominação masculina fosse exercida sobre as mulheres na perspectiva Silva Federici, a partir de conceitos como o patriarcalismo e dominação masculina, conceitos estes, também presentes na mentalidade da classe dominante brasileira. Além do mais, este estudo justifica-se pela minha identificação com as bandeiras de luta femininas, sobretudo por vivenciar em meu cotidiano as mesmas condições de vida e trabalho que milhões de mulheres ao redor do mundo por ser mãe, esposa, trabalhadora, zeladora da casa, cozinheira etc., e que sente o peso físico e mental para conciliar todas essas funções diariamente e muitas das vezes simultaneamente.

A partir das categorias patriarcalismo, trabalho feminino e capitalismo, buscou-se por meio de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, refletir sobre o trabalho doméstico feminino no contexto do desenvolvimento do capitalismo. Segundo Gil (2002), “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”, ou seja, a pesquisa bibliográfica fornece as bases teóricas para que as demais metodologias de investigação amplie o leque problemático ao mesmo tempo que fornece o aporte teórico e conceitual para o objeto de pesquisa.

No que tange aos instrumentos utilizados, em termos de referencial bibliográfico, a obra de Federici (2021) subsidiou a reflexão empreendida, na medida em que as categorias supracitadas foram fundamentais para compreensão dos instrumentos de dominação do homem sobre a mulher. Não obstante, autores como: Antunes (2009), Bordieu (2012), Davis (2006), dentre outros, também fornecerão a base para a discussão assim como para os contrapontos. Também de fundamental importância, serão os dados estatísticos do Instituto Nacional de Geografia e Estatística – IBGE, que serviram para abstrairmos uma realidade que

se impõe para as mulheres no Brasil, a partir de números condensados em pesquisa de 2022 sobre o trabalho doméstico e seus aspectos interrelacionados a saber, faixa etária, escolaridade, domicílio, gênero etc.

Trabalho feminino e capitalismo para Silva Federici

A escritora Silva Federici, nasceu no ano de 1942, na Itália. Em sua obra, a autora recupera o debate no interior do feminismo sobre a questão do valor do trabalho feminino. Para isso, faz uma análise crítica ao Marxismo, demonstrando que Marx, ao analisar o capitalismo, negligenciou o trabalho exercido pelas mulheres, o qual, foi preponderante para o desenvolvimento do sistema capitalista, uma vez que, o confinamento das mulheres em casa, garantiam não somente a reposição e cuidado da força de trabalho, mais também, foram responsáveis para o processo de acumulação no capitalismo.

No que concerne à trajetória da mulher ao longo do tempo, observa-se que a mesma, sempre foi marcada por ausências. Ausências essas, que as despiam de direitos, desejos, de voz, do corpo e em muitos casos da própria vida, cuja função primordial na sociedade pré-capitalista, consistia na reprodução, cuidado da casa, educação dos filhos, ou seja, a mulher era objeto de uso e desuso por parte dos homens.

Ao pensarmos sobre a formação da sociedade brasileira no período colonial, no que concerne ao modelo familiar, observa-se, a forte herança dos portugueses na conservação da família patriarcal, cuja principal figura do “pai” - homem branco e patriarca, no qual, detentor de plenos poderes econômicos, políticos, social e principalmente, familiares.

As mulheres foram submetidas às ordens do patriarca, em uma relação desigual, que reforçava a dominação e a convicção moral de que, ao homem, cabia o direito legítimo da vida pública, enquanto a mulher deveria exercer as funções da vida privada de forma submissa, doméstica, cuidadora do lar, devota da família, desprovida de qualquer educação formal que pudesse fornecer uma mínima emancipação.

Com a chegada do capitalismo, embora as mulheres tenham galgado muitos degraus, por meio de incisivas lutas ao longo dos anos rumo à independência política, econômica e social, observa-se o insucesso no rompimento com a estrutura de dominação masculina, pois, embora tenham capacidade de exercer as mesmas atividades laborais que os homens, ainda assim, mantêm-se em um status inferior se comparado aos mesmos.

Em virtude disso, tem-se a não valorização do trabalho feminino que acentua as diferenças entre homens e mulheres, mantendo visíveis resquícios patriarcais na sociedade capitalista, na qual sempre foi “baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens”, nas palavras de Federici (2017, p. 17).

O avanço das relações capitalistas, e por consequência, a apropriação e pauperização do trabalho e do trabalhador, foram as causas para inúmeros problemas sociais ocasionados pela discriminação não somente relacionado às mulheres, mas também, de outros grupos sociais como negros, imigrante, dentre outros, levados a uma situação de marginalização, no que se refere ao trabalho.

Segundo Federici (2021):

[...] o machismo é um elemento estrutural do desenvolvimento capitalista, uma força material a se interpor no caminho de qualquer transformação social verdadeira, que não pode ser derrotada (como Marx acreditava) pela entrada das mulheres nas fábricas e pelo trabalho ao lado dos homens, mas exige, em vez disso, que as mulheres se rebellem contra a dominação masculina e suas bases materiais (Federici, 2021, p. 17).

Neste momento, Federici 2021, por meio da ótica feminista, enfatiza que embora Marx tenha em seus escritos denunciado as relações patriarcais e racistas, todavia, não se

ateve com mais profundidade a explicar como os diferentes regimes de trabalhos segundo os sexos se configuraram, assim como, explicar como o arranjo social machista, foi um elemento preponderante para desenvolvimento capitalista por meio da utilização a força de trabalho feminino como motor para repor e manter a força produtiva.

No que compete ao trabalho doméstico, deixado de fora da divisão sexual do trabalho no sistema capitalista, resultou em consequências para as mulheres como, a sobrecarga e/ou dupla jornada de trabalho. Neste sentido, segundo Silvia e Fagundes (2022), o trabalho doméstico se equipara ao trabalho escravo por se apresentar exaustivo, mas também por apresentar similaridades. Segundo as autoras:

Mesmo que sendo retratada em um contexto deveras dessemelhante do presente, bem como distante das constantes discussões acerca do trabalho doméstico e de sua divisão sexual e racial, é interessante perceber que a escravidão muito se aproxima da realidade de trabalhadoras domésticas, isto é, essas inúmeras conexões e familiaridades entre o tempo da escravidão e o trabalho doméstico, ainda que com os séculos que os separam, possuem por si só semelhanças que reverberam até hoje na estrutura e dinâmica deste trabalho (Silvia e Fagundes, 2022, p. 84).

Sob outra perspectiva e contexto, mas, também relacionado ao tema da questão de gênero no trabalho, com implicações nas questões de classe social, o sociólogo Ricardo Antunes em sua obra intitulada “Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho”, faz uma reflexão sobre os sentidos do trabalho por meios de conceitos como: ideologia, hegemonia, reprodução, metabolizações de relações de poder, dentre outros conceitos sociológicos, tendo como ponto de partida o processo capitalista de produção.

A referida obra torna-se importante para a presente temática uma vez que, considera que o trabalho feminino contribuiu e contribui, direta ou indiretamente para o desenvolvimento do sistema capitalista.

Diante disso, a análise de Antunes (2009), muito se aproxima da de Federici, quando discorre sobre a sobrecarga e/ou duplicidade do trabalho feminino, exercido no âmbito público e privado, ou seja, dentro e fora de casa, tendo como consequências para as mulheres o desgaste físico e mental em detrimento da apropriação direta e indireta do seu trabalho para o bom desenvolvimento e manutenção do Capitalismo.

Nas palavras de Antunes (2009)

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço público, seu trabalho produtivo no âmbito fabril. Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria. Sem essa esfera da reprodução não diretamente mercantil, as condições de reprodução do sistema de metabolismo social do capital estariam bastante comprometidas, se não inviabilizadas (Antunes, 2009, p. 108).

Outro ponto que merece atenção na análise da divisão do trabalho, consiste na sua indissociabilidade da questão de gênero, bem como, aos fatores de classe e raça. Neste sentido, no período escravagista, a exploração da força de trabalho era indistinta entre os sexos, todavia, recaiam sobre as mulheres negras o peso de trabalhar nas lavouras, inclusive sofrendo os

mesmos tipos de repressões que os homens escravos, além de serem submetidas ao trabalho doméstico e a exploração sexual por parte de seus senhores. Davis (2016) salienta que

[...] A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 25).

Cabe destacar, a título de exemplo, a posição da mulher também era definida conforme o seguimento social a qual pertencia. No caso do Brasil, no período colonial, Gilberto Freyre, em sua obra, “Casa grande e senzala”, discorreu por meio de um ditado popular da época a condição de submissão na qual cada mulher, até mesmo umas em relação às outras, se encontravam na sociedade na brasileira:

Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata (FREYRE, 2003, p. 72).

Voltando a questão da expropriação do trabalho e do corpo das mulheres, a obra de Federici levanta importantes elementos para o entendimento do tema na atualidade, pois, traz a invisibilidade do trabalho feminino como resultado de um longo processo histórico, cultural e social em que a utilização de subsídios como a naturalização dos afazeres relacionados aos cuidados, seja atribuição somente de mulheres, visando dessa forma, justificar a dominação masculina sobre as mesmas, por meio de artifícios como, a dita concepção de que as mulheres são mais aptas a exercerem as atividades domésticas/ do lar, por apresentarem instintos ou dons naturais e ou biológico voltados para a maternidade.

Diante disso, o trabalho feminino poderia ser utilizado de múltiplas formas, como reprodutoras, cuidadoras de idosos, esposas, cozinheiras, arrumadeiras, ou seja, responsáveis por todos os trabalhos relacionados aos cuidados direto da família, tendo, como recompensa somente a satisfação do cumprimento do dever “natural” das mulheres perante a família.

Outro ponto relevante a observar sobre a divisão do trabalho, é que o mesmo, está para além das questões de gênero, perpassando também de forma indissociável a questão de classe social e raça. No Brasil por exemplo, observa-se que um grande segmento da população no qual compreende, as mulheres das classes menos favorecidas, negros e pardos são os que mais sofrem com problemas relacionados com desemprego, situação que pode ter relação com a herança racista e patriarcal do período colonial, no qual, colocou a figura do homem branco no centro das relações em detrimento dos demais atores sociais. Como consequência tem-se:

[...] precariza a condição de vida da população negra, gerando desemprego e subemprego, a sobrerrepresentação da população negra em situação de pobreza, os altos índices de evasão escolar e mal desenho do alunado negro e o elevados percentuais de vítimas negras da violência policial (BENTO, 2022, p. 76).

Esse contexto, por sua vez, ocasiona discriminação e a retirada voluntária das mulheres em idade ativa do mercado de trabalho, levando à concentração em atividades domésticas no interior dos lares. Bento, (2022) destaca que:

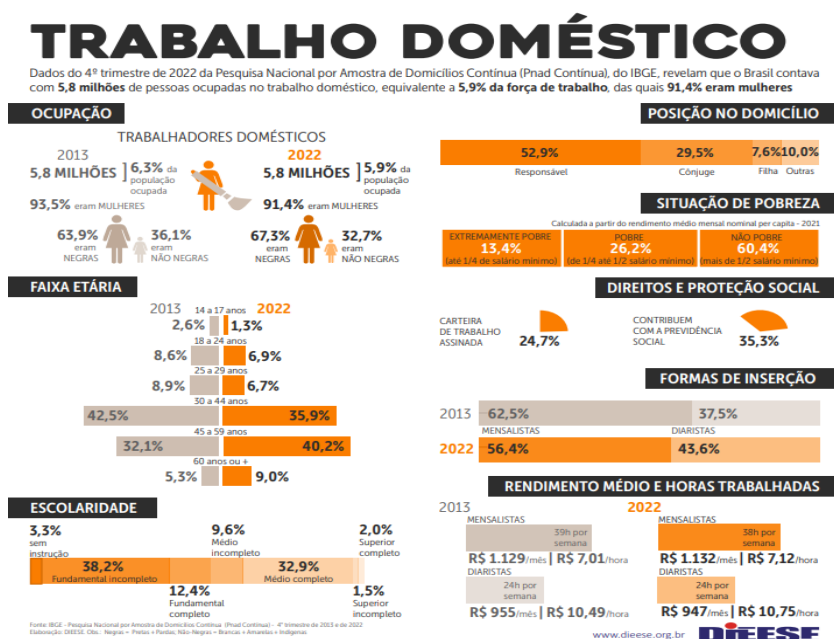
[...] nas estatísticas sobre desigualdade no mercado de trabalho se constata uma invariável: mulheres negras ocupam a base da pirâmide, com os menores salários e cargos mais baixos. A trabalhadora doméstica, nesse cenário, concentra muito da atenção de estudiosas e de

organizações do movimento de mulheres negras pela presença majoritária de negras nessa função e pela precariedade de sua condição de trabalho e de vida (Bento, 2022, p. 78).

No que tange aos países desenvolvidos, nos quais os níveis de escolaridade, empregos e salários são mais elevados (Siqueira, 2020), as famílias contam com uma rede de apoio como creches, casas de apoio a idosos, escolas, boa alimentação ect., que possibilitam uma melhor dinâmica com o trabalho doméstico ao mesmo tempo que propicia a permanência das mulheres atuando no mercado de trabalho.

A Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD) do IBGE, no qual busca quantificar o percentual de horas gastos pela população brasileira em atividades domésticas por meio de categoria como, faixa etária e gênero. Conformes dados do 4º trimestre do IBGE (2022), revelam que as atividades domésticas são exercidas por homens e mulheres. De acordo com a pesquisa, o percentual de trabalho doméstico exercido pelas mulheres é maior se comparados aos homens. Assim, dos 5,8 milhões de pessoas ocupadas no trabalho doméstico, 91,4% são mulheres, sendo que 67,3% negras, principalmente na faixa etária entre 30 e 59 anos, a maioria sem possuírem educação básica completa. A figura 1 abaixo sintetiza as informações:

Figura 1. Trabalho doméstico no Brasil



Fonte: IBGE (2022).

Segundo Lopes (2010) o trabalho doméstico, é predominantemente feminino, isso foi corroborado pelos dados apresentados na figura 1 que revelem que as mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico no Brasil, Ainda, não se pode deixar de fazer um contraponto mostrando que os homens também executam esse tipo de atividade laboral, mesmo que de forma discreta. Os dados da Figura 1, sugerem que no ano de 2013 existia um percentual de 6,5% homens desempenhando atividades domésticas. Já em 2022, o percentual se alterou passando para 8,6% ((IBGE, 2022).

Ainda, pensar sobre a inferiorização e precarização do trabalho feminino no interior dos lares, pode se inferir que o mesmo, seja resultado de uma herança patriarcal, racista e classista, no qual, apresenta-se como realidade cotidiana para um elevado percentual de mulheres no Brasil e no mundo. Todavia, cabe ressaltar que não se deve relacionar todo trabalho feminino, em especial o doméstico, como algo pejorativo ou inferior, pois, trata-se de atos de resistência

e perseverança diante das adversidades que são cada vez mais reclamados em termos de Legislação (Lopes, 2010).

Considerações finais

Este artigo procurou fazer um estudo sobre o trabalho feminino, em especial o do cuidado ou trabalho doméstico partindo da perspectiva da autora Silvia Federici. Para isso, buscou retratar como a divisão sexual do trabalho, levou os homens ao universo da vida pública exercendo no âmbito das relações sociais, superioridade em relação às mulheres, em decorrência de seus plenos poderes sociais, econômicos, político e patriarcal em detrimento do trabalho privado exercido pelas mulheres no interior de suas casas para benefícios de sua família.

A naturalização da definição do papel feminino foi baseada principalmente em aspectos sócios, cultural e histórico, lançando concepções de divisão do trabalho sexista, racial e de classe. Com a chegada do capitalismo, a dinâmica laboral feminina mudou, e a não contabilização como parte importante para a produção de riquezas, acentuou ainda mais a sua precária condição, pois, contribuiu muito para a marginalização, pauperização, exploração desumana de muitos grupos minoritários, como mulheres, em sua maioria com baixa escolaridade, negros, imigrantes.

Ao pensar sobre a temática apresentada neste trabalho, refleti sobre o caminho pelo qual as mulheres, ainda tem que percorrer para que enfim, possam romper com os obstáculos que as oprimem, visando um cenário mais inclusivo e que possibilite a garantia da dignidade e valorização do trabalho feminino.

Referências

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho, 2 ed., São Paulo-SP, Boitempo, 2009.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro. Tradução: Maria Helena Kühner. Bertrand Brasil, 2012.

DAVIS, Angela, 1944 - **Mulheres, raça e classe**; trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia, 1942. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo, volume 1; tradução Heci Regina Candiani, São Paulo: Boitempo, 2021.

_____. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Título original: Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation Tradução: coletivo Sycorax São Paulo: Elefante, 2017.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 481 ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos/ organização Flavia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRADIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílio contínua PNAD**. Brasília: IBGE, 2013 e 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html>. Acesso em: 03 jan. 2024.

LOPES, Mônica Sette. O feminino e o trabalho doméstico: paradoxos da complexidade. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3a. Região**. Belo Horizonte, v. 52, n. 82, p. 113-126, 2010.

LUCENA, Maria Gláucia Ribeiro de; ANDRADE, Rafael Douglas Sousa de. Refletindo a condição da mulher negra na formação patriarcal racista do Brasil à luz de Lélia Gonzalez. **Cadernos Cajuina Revista Interdisciplinar**. v. 9, n. 3, p. 1-14, 2024.

ORNELLAS, T.C.F. de; MONTEIRO, M.I. Aspectos históricos, culturais e sociais do trabalho. **Rev Bras Enferm**, v. 59, n. 4, p.552-555, 2006.

SILVIA. Maria Clara Aguiar e FAGUNDES. Maria Augusta Figueira. Trabalho doméstico não remunerado no Brasil: As influências do patriarcado e capitalismo sob a ótica trabalhista. **Revista Extensão**. v. 6, n.2, p. 34-38, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/6900/4536>. Acesso: 22 jun. 2024.

SIQUEIRA, Wallace Lobato. Salário dos trabalhadores por intensidade tecnológica: uma investigação para o Rio Grande do Sul. **Sapienza: International Journal of Interdisciplinary Studies**. v. 1, n. 1, p. 1-16, 2020.

Recebido em 26 de junho de 2024.

Aceito em 30 de dezembro de 2024.